

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

ABRIL DE 1860

Nº 4

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas:

1º Carta de Dieppe, confirmando em todos os pontos os fatos de manifestações espontâneas, ocorridas na casa de um padeiro do vilarejo de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e relatados pelo *Vigie*. (Publicada em nosso número de março).

2º Carta do Sr. M..., de Teil d'Ardèche, dando novas informações sobre fatos que se passaram no Castelo de Fons, perto de Aubenas.

3º Carta do barão Tscherkassoff, com detalhes circunstanciados e autênticos sobre um fato deveras extraordinário de manifestação espontânea por um Espírito perturbador, ocorrido em meados deste século, com um fabricante de São Petersburgo. (Publicada a seguir).

4º Relato de um fato de aparição tangível, com todos os caracteres de um agêner, ocorrido em 15 de janeiro último, na comuna de Brix, perto de Valognes. O fato foi transmitido ao Sr. Ledoyen, por pessoa de seu conhecimento, e que verificou a sua exatidão. (Publicada adiante).

5º Leitura de uma tradição muçulmana sobre o profeta Esdras, extraída do *Moniteur*, de 15 de fevereiro de 1860, e que se baseia sobre um fato de faculdade mediúnic.

Estudos:

1º Ditado espontâneo de Charlet, recebido pelo Sr. Didier Filho, dando continuidade ao trabalho começado.

2º Evocação do Sr. Jules-Louis C..., falecido em 30 de janeiro último, no hospital do Val-de-Grâce, em consequência de um câncer que lhe havia destruído parte da face e do maxilar. Esta evocação foi feita conforme o desejo de um de seus amigos, presente à sessão, e de uma pessoa da família. É instrutiva principalmente do ponto de vista da modificação das idéias após a morte, considerando-se que em vida o Sr. C... professava abertamente o materialismo.

3º Pede-se a São Luís dizer se é possível chamar o Espírito que se manifestou na casa do padeiro de Dieppe. Ele responde que não, por motivos que serão conhecidos mais tarde.

Sexta-feira, 2 de março de 1860 – Sessão particular

Exame e discussão de várias questões administrativas.

Estudo e apreciação de diversas comunicações espíritas, quer obtidas na Sociedade, quer fora das sessões.

Solicitado a dar um ditado espontâneo, São Luís escreve o que se segue, por intermédio da Srta. Huet:

“Eis-me aqui, meus amigos, pronto a vos dar meus conselhos, como tenho feito até hoje. Desconfiai dos Espíritos maus, que poderiam insinuar-se entre vós, procurando semear a desunião. Infelizmente, os que querem tornar-se úteis a uma obra sempre encontram obstáculos. Aqui não se acha a pessoa generosa que os conhece, mas o encarregado de executar os desejos que ela manifesta. Não temais; triunfareis de todos os obstáculos pela paciência, uma atitude firme contra as vontades que querem se impor. Quanto às diversas comunicações que me atribuem, muitas vezes é outro Espírito que toma meu nome. Pouco me comunico fora da Sociedade, que tomei sob meu patrocínio; aprecio esses lugares de reunião, que me são especialmente consagrados, mas é somente aqui que gosto de dar avisos e conselhos. Assim, desconfiai dos Espíritos que freqüentemente se servem de meu nome. Que a paz e a união estejam entre vós! Em nome de Deus todo poderoso, que criou o bem, eu vo-lo desejo.”

São Luís

Um membro faz esta observação: Como pode um Espírito inferior usurpar o nome de um Espírito superior, sem o consentimento deste último? Isto não pode ser senão com má intenção. Por que, então, os Espíritos bons o permitem? Se não podem se opor, serão menos poderosos que os maus?

A isso foi respondido: Existe algo mais poderoso que os Espíritos bons: Deus. Pode Deus permitir que os Espíritos maus se manifestem para ajudá-los a se melhorarem e, além disso, para testarem a nossa paciência, a nossa fé, a nossa confiança, a nossa firmeza em resistir à tentação e, sobretudo, exercitar a nossa perspicácia em distinguir o verdadeiro do falso. Depende de nós afastá-los por nossa vontade, provando-lhes que não somos tão tolos quanto pensam. Se lograrem domínio sobre nós, não será senão por nossa fraqueza. São o orgulho, o ciúme e todas as más paixões dos homens que fazem sua força, dando-lhes domínio. Sabemos, por experiência, que sua obsessão cessa quando vêm

que não conseguem fatigar-nos. Cabe, pois, a nós mostrar-lhes que perdem tempo. Se Deus nos quer experimentar, não está no poder de nenhum Espírito opor-se aos seus desígnios. A obsessão dos Espíritos enganadores ou malévolos não resulta, pois, nem de seu poder, nem da fraqueza dos bons, mas de uma vontade que é superior a todos. Quanto maior a luta, maior o nosso mérito, se sairmos vencedores.

Sexta-feira, 9 de março de 1860 – Sessão particular

Leitura do projeto de modificações a ser introduzido no regulamento da Sociedade. A respeito, o Sr. Allan Kardec apresenta as seguintes observações:

Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade:

“Senhores,

“Algumas pessoas parecem equivocadas quanto ao verdadeiro objetivo e o caráter da Sociedade. Permitti-me lembrá-los em poucas palavras.

“O objetivo da Sociedade está claramente definido em seu título e no preâmbulo do regimento atual. Esse objetivo é, essencialmente e, pode-se dizer, com exclusividade, o estudo da ciência espírita. O que queremos, antes de tudo, não é nos convencer, pois já o estamos, mas instruir-nos e aprender o que não sabemos. Para tanto, queremos nos colocar nas mais favoráveis condições. Como esses estudos exigem calma e recolhimento, queremos evitar tudo quanto seja causa de perturbação. Tal é a consideração que deve prevalecer na apreciação das medidas que vamos adotar.

“Partindo deste princípio, a Sociedade não se apresenta absolutamente como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão das idéias que julgamos justas e úteis, contribuindo no círculo de suas relações e na medida de suas

forças; entretanto, será erro pensar que para isso seja necessário estar reunidos em sociedade e, mais falso ainda, crer que a Sociedade seja a coluna sem a qual o Espiritismo estaria em perigo. Estando regularmente constituída, nossa Sociedade procede com mais ordem e método do que se marchasse ao acaso; mas, abstração disso, ela não é mais preponderante do que os milhares de sociedades livres ou reuniões particulares, existentes na França e no estrangeiro. Ainda uma vez, o que ela quer, é instruir-se; eis por que só admite em seu seio pessoas sérias e animadas do mesmo desejo, porque o antagonismo de princípios é uma causa de perturbação. Falo de um antagonismo sistemático sobre as bases fundamentais, porquanto não poderia ela, sem se contradizer, afastar a discussão sobre as questões de detalhe. Se adotou certos princípios gerais, não o fez por espírito de estreito exclusivismo. Ela tudo viu, tudo estudou, tudo comparou, e somente depois disso é que firmou uma opinião, baseada na experiência e no raciocínio. Só o futuro pode encarregar-se de lhe dar ou não razão. Mas, enquanto espera, não procura nenhuma supremacia e somente os que não a conhecem podem supor-lhe a ridícula pretensão de absorver todos os partidários do Espiritismo ou de fazer-se passar como reguladora universal. Se ela não existisse, cada um de nós instruir-se-ia por seu lado e, em vez de uma única reunião, talvez formássemos dez ou vinte: eis toda a diferença.

“Não impomos nossas idéias a ninguém. Os que as adotam é porque as consideram justas. Os que vêm a nós é porque pensam aqui encontrar oportunidade de aprender, mas não se trata de uma *filiação*, pois não formamos *nem seita, nem partido*. Reunimo-nos para estudar o Espiritismo, como outros se reúnem para estudar a frenologia, a história ou outras ciências. E como nossas reuniões não se baseiam em nenhum interesse material, pouco nos importa se outras se formam ao nosso lado. Na verdade, seria atribuir-nos idéias bem mesquinhas, bem estreitas e bem pueris crer que as veríamos com olhos ciumentos; os que pensassem em nos criar *rivalidades* mostrariam, por isso mesmo,

quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da doutrina. Só lamentamos uma coisa: que nos conheçam tão mal, a ponto de nos suporem acessíveis ao ignóbil sentimento do ciúme. Compreende-se que empresas mercenárias rivais, que podem prejudicar-se pela concorrência, se vejam com maus olhos. Mas se essas reuniões não tiverem em vista, como deveriam ter, senão um interesse puramente moral, e a elas não se misturarem nenhuma consideração *mercantil*, pergunto: Em que poderiam ser prejudicadas pela multiplicidade? Dirão, sem dúvida, que se não existe interesse material, há o do amor-próprio, o direito de destruir o crédito moral de seu vizinho. Mas talvez esse móvel fosse mais ignóbil ainda. Se é assim – que Deus não permita! – apenas lamentaremos os que forem movidos por semelhantes pensamentos. Queremos sobrepujar os vizinhos? Tratemos de fazer melhor que eles; eis aí uma luta nobre e digna, desde que não seja ofuscada pela inveja e pelo ciúme.

“Eis, pois, senhores, um ponto essencial, que não deve ser perdido de vista: não formamos uma seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação com interesse comum; se deixássemos de existir, o Espiritismo não sofreria nenhum prejuízo, formando-se, de nossas ruínas, vinte outras sociedades. Portanto, os que buscassem destruir-nos com o objetivo de entravar o progresso das idéias espíritas, nada ganhariam com isso; é necessário saberem que as raízes do Espiritismo não estão em nossa Sociedade, mas no mundo inteiro. Existe algo mais poderoso que eles, mais influente que todas as sociedades: é a doutrina, que vai ao coração e à razão dos que a compreendem e, sobretudo, dos que a praticam.

“Esses princípios, senhores, indicam-nos o verdadeiro caráter do nosso regimento, que nada tem em comum com os estatutos de uma corporação. Nenhum contrato nos liga uns aos outros; fora de nossas sessões não temos outras obrigações recíprocas que não sejam as de nos comportarmos como gente bem-educada. Os que nessas reuniões não encontrarem aquilo que

nelas esperam achar, têm toda liberdade de retirar-se; eu mesmo não compreenderia que permanecessem, desde que não lhes convenha o que aqui se faz. Não seria racional que viessem perder tempo.

“Em toda reunião é preciso uma regra para a manutenção da boa ordem. Falando claramente, nosso regulamento nada mais é que uma instrução destinada a estabelecer ordem em nossas sessões, a manter, entre os assistentes, as relações de urbanidade e de conveniência que devem presidir a todas as assembléias de pessoas educadas, abstração feita das condições inerentes à especialidade de nossos trabalhos. Porque não tratamos apenas com homens, mas com Espíritos que, como sabeis, não são igualmente bons, e contra a velhacaria dos quais é preciso que nos resguardemos. Nesse número, alguns são muito astuciosos e podem mesmo, por ódio ao bem, impelir-nos a uma vida perigosa. Cabe a nós ter bastante prudência e perspicácia para frustrá-los, o que nos obriga a tomar precauções particulares.

“Lembraí-vos, Senhores, da maneira pela qual se formou a Sociedade. Eu recebia em minha casa algumas pessoas em pequeno comitê. Com o crescimento do grupo, acharam que era preciso um local maior. Para consegui-lo, teríamos de pagar; tivemos, portanto, que nos cotizar. Disseram mais: é preciso ordem nas sessões; não se pode admitir o primeiro que chegar; é necessário, portanto, um regulamento. Eis toda a história da Sociedade. Como vedes, é bem simples. Não entrou na cabeça de ninguém fundar uma instituição, nem se ocupar do que quer que seja fora dos estudos; eu próprio declaro, de maneira muito formal, que se um dia a Sociedade quiser ir além, não a acompanharei.

“O que fiz, outros são mestres em fazê-lo, ocupando-se à vontade, conforme seus gostos, suas idéias, seus pontos de vista particulares. E esses diferentes grupos podem perfeitamente entender-se e viver como bons vizinhos. A menos que utilizemos uma praça pública como local de assembléia, considerando-se que

é impossível reunir num mesmo lugar todos os partidários do Espiritismo, esses diversos grupos devem ser fração de um grande todo, mas não seitas rivais. E o mesmo grupo, tornado muito numeroso, pode subdividir-se, como os enxames de abelhas. Estes grupos já existem em grande número e se multiplicam todos os dias. Ora, é precisamente contra essa multiplicidade que a má vontade dos inimigos do Espiritismo virá quebrar-se, porque os entraves teriam como efeito inevitável, pela própria força das coisas, a multiplicação das reuniões particulares.

“Entretanto, é preciso convir que em certos grupos há uma espécie de rivalidade ou, antes, de antagonismo. Qual a causa? Meu Deus! esta causa está na fraqueza humana, no espírito de orgulho que quer impor-se; está, sobretudo, no conhecimento ainda incompleto dos verdadeiros princípios do Espiritismo. Cada um defende os seus Espíritos, como outrora as cidades da Grécia defendiam seus deuses que, seja dito de passagem, não passavam de Espíritos mais ou menos bons. Essas dissidências só existem porque há pessoas que querem julgar, antes de terem visto tudo, ou que julgam do ponto de vista de sua personalidade. Elas se apagarão, como muitas outras já se apagaram, à medida que a ciência se reformular; porque, em última análise, a verdade é uma só, e sairá do exame imparcial das diferentes opiniões. Esperando que a luz se faça sobre todos os pontos, qual será o juiz? Dir-se-á que é a razão. Mas quando duas pessoas se contradizem, cada uma invoca a sua razão. Que razão superior decidirá entre as duas?

“Sem nos determos sobre a forma mais ou menos imponente da linguagem, forma que os Espíritos impostores e pseudo-sábios sabem muito bem tomar para seduzir pelas aparências, partimos do princípio de que os Espíritos bons não podem aconselhar senão o bem, a união e a concórdia; que sua linguagem é sempre simples, modesta, marcada pela benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de fatuidade. Numa palavra, tudo neles respira a mais pura caridade. Caridade – eis o verdadeiro critério para julgar os Espíritos e julgar-se a si próprio. Quem quer

que, sondando o foro íntimo de sua consciência, encontrar um germe de rancor contra o próximo, mesmo um simples desejo do mal, pode dizer a si mesmo, sem sombra de dúvida, que é solicitado por um Espírito mau, porque esquece estas palavras do Cristo: “Sereis perdoados como vós mesmos houverdes perdoado.” Portanto, se houvesse rivalidade entre dois grupos espíritas, os Espíritos verdadeiramente bons não poderiam estar ao lado daquele que lançasse anátema ao outro, pois jamais um homem sensato poderia acreditar que a inveja, o rancor, a malevolência, numa palavra, todo sentimento contrário à caridade, pudesse emanar de uma fonte pura. Procurai, então, de que lado há mais caridade *prática*, e não de palavras, e reconheceréis sem dificuldade de que lado estão os melhores Espíritos e, conseqüentemente, de quais deles temos mais razão de esperar a verdade.

“Estas considerações, senhores, longe de nos afastar do nosso objetivo, colocam-nos no verdadeiro terreno. Encarado desse ponto de vista, o regimento perde completamente seu caráter de contrato, para revestir aquele, bem mais modesto, de uma simples regra disciplinar.

“Todas as reuniões, seja qual for o seu objetivo, deverão premunir-se contra um escolho: o dos caracteres trapalhões, que parecem nascidos para semear a perturbação e a cizânia, onde quer que se encontrem. A desordem e a contradição são o seu elemento. As reuniões espíritas, mais que as outras, devem pôr-se em guarda contra eles, porque as melhores comunicações só são obtidas na calma e no recolhimento, incompatíveis com sua presença e com os Espíritos simpáticos que os conduzem.

“Em resumo, o que devemos buscar é remover todas as causas de perturbação e de interrupção; manter entre nós as boas relações, de que os espíritas sinceros, mais que outros, devem dar exemplo; opor-nos, por todos os meios possíveis, ao afastamento da Sociedade de seus objetivos, à abordagem de questões que não são de sua alçada, e que degenerem em arena de controvérsias e de

personalismo. O que devemos buscar, ainda, é a possibilidade de execução, simplificando o mais possível as engrenagens. Quanto mais complicadas forem estas engrenagens, maiores serão as causas de perturbação. O relaxamento seria introduzido pela força das coisas, e deste à anarquia não há mais que um passo.”

Sexta-feira, 16 de março de 1860 – Sessão particular

Discussão e adoção do regimento modificado.

Sexta-feira, 23 de março – Sessão particular

Nomeação dos membros do comitê.

Estudos – Foram obtidos dois ditados espontâneos; o primeiro, do Espírito Charlet, pelo Sr. Didier Filho; o segundo, pela Sra. de Boyer, de um Espírito que disse ter sido forçado a vir acusar-se, por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando a inveja e a rivalidade entre os que deviam estar unidos. Cita alguns fatos dos quais foi culpado. Diz que esta confissão espontânea faz parte da punição que lhe é infligida.

Formação da Terra

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO PLANETÁRIA^{14, 15}

Nosso sábio confrade Sr. Jobard, de Bruxelas, nos escreve o que se segue, a propósito de nosso artigo sobre os pré-adamitas, publicado na *Revista* do mês passado:

“Permiti-me algumas reflexões sobre a criação do mundo, com vistas a reabilitar a Bíblia aos vossos olhos e aos dos livre-pensadores. Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos

14 **N. do T.:** Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo VIII: Teoria da incrustação.

15 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

antes da era cristã. Essa afirmativa os geólogos a contestam, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que fazem remontar a origem da Terra a milhares de milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também. E foi um simples campônio quem os pôs de acordo, ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta incrustativo, muito moderno, composto de materiais muito antigos.

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites, para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro apenas desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Só a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os globos têm o seu livre-arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldadura, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara, da qual se tinha o direito de esperar uma melhor apreciação de seus interesses.

“As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a *ressurreição dos germens que estavam em catalepsia*. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu redor. Havereis de convir que tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o *África* a raça negra; o *Europa* a raça branca e o *América* a raça vermelha. A Lua certamente nos teria trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, de que apenas os despojos são encontrados, nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, viviam sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos pólos, ao passo que viviam no equador dos globos a que pertenciam. E depois essas enormes massas, cuja possibilidade de existência não podemos conceber no ar, viviam no fundo dos mares, sob a pressão de um meio que lhes tornava fácil a locomoção. Os futuros levantamentos dos mares nos trarão outros despojos, muitos outros germens que despertarão de sua longa letargia para nos mostrar espécies desconhecidas de plantas, de animais e de autóctones, contemporâneos do dilúvio, e ficareis muito admirados ao descobri-los, no meio do vasto oceano, novas ilhas, povoadas de plantas e animais que não podem vir de nenhuma parte, nem transportadas pelos ventos, nem pelas ondas.

“Nossa ciência, que acha errada a Bíblia, terminará por restituir-lhe sua estima, como foi forçada a fazê-lo a propósito da rotação da Terra, pois não se trata de erro da Bíblia, mas dos que não a compreendem. Eis a prova:

“Josué parou o Sol, dizendo-lhe: *Sta, sol!* Ora, desde então ele está parado, pois em parte alguma encontrais que ele lhe tenha ordenado que girasse novamente; e, se desde a derrota dos Amalequitas a noite continua sucedendo ao dia, é preciso admitir que a Terra gira. Então, não é Galileu, mas os inquisidores que mereciam ser censurados por não terem tomado a Bíblia ao pé da letra.

“Também se negava a existência do licorne bíblico, e acabam de ser mortos dois nas montanhas do Tibete. Negava-se a aparição do espectro de Saul e, graças a Deus, estais a ponto de convencer os negadores. Lembremo-nos sempre desta advertência

das Escrituras: *Noli esse incredulus sicut equus et mulus, quibus non est intellectus.*

“Saudações cordiais e respeitosas ao autor da Etnografia do Mundo Espírita.

Jobard

A teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários já foi dada por certos Espíritos em diversas épocas, através de médiuns estranhos entre si. Não nos fazemos adeptos dessa doutrina, que confessamos não ter sido ainda suficientemente estudada para sobre ela nos pronunciarmos, mas reconhecemos que merece um exame sério. As reflexões que ela nos sugere não passam de hipóteses, até que dados mais positivos venham confirmá-las ou desmenti-las. Enquanto esperamos, é uma baliza que pode abrir caminhos a grandes descobertas e guiar nas buscas. Talvez os cientistas um dia encontrem, nessa teoria, a solução de mais de um problema.

Mas – dirão certos críticos – não tendes confiança nos Espíritos, já que duvidais de suas afirmações? Como inteligências desprendidas da matéria podem remover todas as dúvidas da Ciência e projetar luz onde reina a obscuridade?

Isto é uma questão muito grave, que se liga à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver neste momento sem repetir o que já temos dito a respeito. Assim, aditaremos apenas algumas palavras, a fim de justificar nossas reservas. Para começar, responderemos que nos tornaríamos sábios com muita facilidade se cuidássemos tão-somente de interrogar os Espíritos para conhecer tudo quanto ignoramos. Querendo Deus que adquiríssemos a ciência pelo trabalho, por isso mesmo não encarregou os Espíritos de no-la trazer pronta e acabada, favorecendo a nossa preguiça. Em segundo lugar a Humanidade, como os indivíduos, tem a sua infância, sua adolescência, sua juventude e sua virilidade. Os

Espíritos, encarregados por Deus de instruir os homens, devem, pois, proporcionar-lhes ensinamentos para o desenvolvimento da inteligência; não dirão tudo a todos, aguardando, antes de semear, que a terra esteja pronta para receber a semente que a fará frutificar. Eis por que certas verdades que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais, que também interrogavam os Espíritos; eis por que as verdades, para as quais ainda não estamos maduros, só serão ensinadas aos que vierem depois de nós. Nosso equívoco está em nos julgarmos chegados ao cume da escada, quando apenas nos achamos na metade do caminho.

Digamos, de passagem, que os Espíritos têm duas maneiras de instruir os homens. Tanto podem fazê-lo comunicando-se diretamente, o que tem ocorrido em todos os tempos, como o provam todas as histórias sagradas e profanas, quanto se encarnando entre eles, para o desempenho das missões de progresso. Tais são esses homens de bem e de gênio, que aparecem de tempos em tempos, como fochos para a Humanidade, fazendo-a avançar alguns passos. Vede o que acontece, quando esses mesmos homens vêm antes do tempo propício para as idéias que devem espalhar: são desconhecidos em vida, mas seus ensinamentos não ficam perdidos. Depositados nos arquivos do mundo, como um grão precioso posto de reserva, um belo dia levanta a poeira, no momento em que pode frutificar.

Desde então, compreende-se que, se o tempo requerido para disseminar certas idéias não houver ainda chegado, será em vão que interrogaremos os Espíritos. Eles só podem dizer o que lhes é permitido. Mas também há outra razão, que compreendem perfeitamente todos os que têm alguma experiência do mundo espírita.

Não basta ser Espírito para possuir a ciência universal; do contrário, a morte nos tornaria quase iguais a Deus. Aliás, o simples bom-senso recusa-se a admitir que o Espírito de um selvagem, de um ignorante ou de um malvado, desde que

desprendido da matéria, esteja no nível do sábio ou do homem de bem. Isto não seria racional. Há, pois, Espíritos adiantados, e outros mais ou menos atrasados, que devem vencer diversas etapas e passar por numerosas peneiras, antes de se despojarem de todas as suas imperfeições. Disso resulta que no mundo dos Espíritos são encontradas todas as variedades morais e intelectuais existentes entre os homens e outras mais. Ora, prova a experiência que os maus se comunicam tão bem quanto os bons. Os que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também, entre eles, semi-sábios, pseudo-sábios, presunçosos, sistemáticos e até hipócritas. Estes são os mais perigosos, porque afetam uma aparência de gravidade, de sabedoria e de ciência, em favor da qual enunciam, em meio a algumas verdades e boas máximas, as coisas mais absurdas. E, para melhor enganar, não receiam adornar-se com os mais respeitáveis nomes. Separar o verdadeiro do falso, descobrir o embuste escondido numa exibição de palavras bonitas, desmascarar os impostores, eis, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência espírita. Para superá-la, faz-se necessária uma longa experiência, conhecer todas as *astúcias* de que são capazes os Espíritos de baixa classe, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue-frio e, sobretudo, guardar-se contra o entusiasmo que cega. Com o hábito e um pouco de tato chega-se facilmente a desmascará-los, mesmo sob a ênfase da mais pretensiosa linguagem. Mas, infeliz do médium que se julga infalível, que se ilude com as comunicações que recebe: O Espírito que o domina pode fasciná-lo a ponto de fazê-lo achar sublime aquilo que, muitas vezes, é apenas absurdo e salta aos olhos de todos, menos aos seus.

Voltemos ao assunto. A teoria da formação da Terra pela incrustação não é a única que tem sido dada pelos Espíritos. Em qual acreditar? Isto prova que, fora da moral, que não admite duas interpretações, não se deve aceitar as teorias científicas dos Espíritos senão com as maiores reservas, porque, uma vez mais, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência acabada; estão

longe de tudo saber, sobretudo no que diz respeito ao princípio das coisas; enfim, é preciso desconfiar das idéias sistemáticas que alguns deles procuram fazer prevalecer, às quais não têm escrúpulo de atribuir uma origem divina. Se examinarmos essas comunicações com sangue-frio, *sem prevenção*; se pesarmos maduramente todas as palavras, descobriremos facilmente os traços de uma origem suspeita, incompatível com o caráter do Espírito que se supõe falar. São, por vezes, heresias científicas tão patentes que só um cego ou uma pessoa muito ignorante não as perceberia. Ora, como admitir possa um Espírito superior cometer semelhantes absurdos? De outras vezes são expressões triviais, formas ridículas, pueris, e mil outros sinais que traem a inferioridade, para quem quer que não esteja fascinado. Que homem de bom-senso acreditaria que uma doutrina contrária aos mais positivos dados da Ciência pudesse emanar de um Espírito sábio, ainda que trouxesse o nome de Arago? Como crer na bondade de um Espírito que dá conselhos contrários à caridade e à benevolência, ainda que sejam assinados por um apóstolo da beneficência? Dizemos mais: Há profanação em misturar nomes venerados a comunicações com evidentes traços de inferioridade. Quanto mais elevados os nomes, tanto mais devem ser acolhidos com circunspeção e mais se deve temer ser joguete de uma mistificação. Em suma, o grande critério do ensino dado pelos Espíritos é a lógica. Deus nos deu a capacidade de julgar e a razão para delas nos servirmos; os Espíritos bons no-las recomendam, nisto nos dando uma prova de superioridade. Os outros se guardam: querem ser acreditados sob palavra, pois sabem muito bem que no exame têm tudo a perder.

Como se vê, temos muitos motivos para não aceitar levemente todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando surge uma, limitamo-nos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixar fascinar pelo brilho de nomes pomposos; examinamo-la como se emanasse de um simples mortal e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as

dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação, que não tínhamos adotado, embora vinda dos Espíritos, senão após haver reconhecido que ela só, *e só ela*, podia resolver aquilo que nenhuma filosofia jamais havia resolvido, e isso abstração feita das provas materiais que diariamente são dadas, a nós e a muitos outros. Pouco nos importam, pois, os contraditores, ainda que sejam Espíritos. Desde que ela seja lógica, conforme à justiça de Deus; que não possam substituí-la por nada de mais satisfatório, não nos inquietamos mais do que os que afirmam que a Terra não gira em torno do Sol – porquanto há Espíritos que se julgam sábios – ou que pretendem que o homem veio completamente formado de um outro mundo, transportado nas costas de um elefante alado.

Menos ainda concordamos com o ponto de vista da formação e, sobretudo, do povoamento da Terra. Eis por que dissemos, no início, que para nós a questão não estava suficientemente elucidada. Encarada do ponto de vista exclusivamente científico, dizemos apenas que, à primeira vista, a teoria da incrustação não nos parecia desprovida de fundamento e, sem nos pronunciarmos pró nem contra, dizemos haver nela matéria para exame. Com efeito, se estudarmos os caracteres fisiológicos das diferentes raças humanas, não é possível atribuir-lhes uma origem comum, porque a raça negra não é um abastardamento da raça branca. Ora, adotando a letra do texto bíblico, que faz todos os homens procederem da família de Noé, dois e mil e quatrocentos anos antes da era cristã, seria preciso admitir não apenas que em alguns séculos esta única família tivesse povoado a Ásia, a Europa e a África, mas que se houvesse transformado em negros. Sabemos perfeitamente a influência que o clima e os hábitos podem exercer sobre a economia. Um sol ardente avermelha a epiderme e escurece a pele, mas em parte alguma se viu, mesmo sob o mais intenso ardor tropical, famílias brancas procriarem negros, sem cruzamento de raças. Para nós, portanto, é evidente que as raças primitivas da Terra provêm de

origens diferentes. Qual o princípio? Eis a questão e, até provas concretas, não é permitido a respeito fazer senão conjecturas. Aos sábios, pois, compete ver as que melhor concordam com os fatos constatados pela Ciência.

Sem examinar como foi possível a junção e a soldagem de vários corpos planetários para formar o nosso globo atual, devemos reconhecer que o fato não é impossível e, desde então, estaria explicada a presença simultânea de raças heterogêneas, tão diferentes em costumes e em línguas, de que cada globo teria trazido os germens ou os embriões; e, quem sabe? talvez indivíduos completamente formados. Nesta hipótese a raça branca proviria de um mundo mais adiantado do que o que teria trazido a raça negra. Em todo o caso, a junção não se teria operado sem um cataclismo geral, o que só teria deixado subsistir alguns indivíduos. Assim, conforme essa teoria, nosso globo seria, ao mesmo tempo, muito antigo por suas partes constituintes, e muito novo por sua aglomeração. Como se vê, tal sistema em nada contradiz os períodos geológicos que, assim, remontariam a uma época indeterminada e anterior à junção. Seja como for, e seja o que disser o Sr. Jobard, se as coisas se passaram assim parece difícil que um tal acontecimento se tenha realizado e, sobretudo, que o equilíbrio de semelhante caos tenha podido estabelecer-se em seis dias de vinte e quatro horas. Os movimentos da matéria inerte estão submetidos a leis eternas, que não podem ser derogadas senão por milagres.

Resta-nos explicar o que se deve entender por alma da Terra, porquanto não pode entrar na cabeça de ninguém atribuir uma vontade à matéria. Os Espíritos sempre disseram que alguns entre eles têm atribuições especiais. Agentes e ministros de Deus, dirigem, conforme o seu grau de elevação, os fatos de ordem física, bem como os de ordem moral. Assim como alguns velam pelos indivíduos, dos quais se constituem gênios familiares ou protetores, outros tomam sob seu patrocínio reuniões de indivíduos, grupos, cidades, povos e até mundos. Por alma da Terra deve-se, pois,

entender-se o Espírito, chamado por sua missão a dirigi-la e a fazê-la progredir, tendo sob suas ordens inumeráveis legiões de Espíritos encarregados de velar pela realização de seus desígnios. O Espírito diretor de um mundo deve ser, necessariamente, de uma ordem superior, e tanto mais elevado quanto mais adiantado for aquele mundo.

Se insistimos sobre vários pontos que poderiam parecer estranhos ao assunto, foi precisamente por se tratar de uma questão científica eminentemente controvertida. Importa que seja bem constatado, pelos que julgam as coisas sem as conhecer, que o Espiritismo está longe de tomar por artigo de fé tudo quanto vem do mundo invisível; assim, como pretendem, ele não se apóia numa crença cega, mas na razão. Se nem todos os seus partidários guardam a mesma circunspeção, a culpa não é da ciência espírita, mas dos que não se dão ao trabalho de aprofundá-la. Ora, não seria mais lógico julgar o exagero de alguns, do que condenar a religião pela opinião dos fanáticos.

Cartas do Dr. Morhéry sobre a Srta. Désirée Godu

Falamos sobre a notável faculdade da Srta. Désirée Godu, como médium curador, e poderíamos ter citado atestados autênticos que temos sob os olhos. Mas eis um testemunho cujo alcance ninguém contestará. Não se trata de um desses certificados liberados um tanto levemente, mas do resultado de observações sérias de um homem de saber, eminentemente competente para apreciar as coisas sob o duplo ponto de vista da Ciência e do Espiritismo. O Dr. Morhéry nos envia as duas cartas seguintes, cuja reprodução por certo nossos leitores agradecerão:

“Plessis-Boudet, perto de Loudéac (Côtes-du-Nord).

“Senhor Allan Kardec,

“Embora sobrecarregado de ocupações neste momento, como membro correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, devo informar-vos de um acontecimento para mim inesperado e que, sem dúvida, interessa a todos os nossos colegas.

“Nos últimos números de vossa Revista elogiastes a Srta. Désirée Godu, de Hennebon. Dissestes que depois de ter sido médium vidente, audiente e escrevente, esta senhorita se havia tornado, desde alguns anos, médium curador. Foi nesta última qualidade que ela se dirigiu a mim, reclamando meu concurso como doutor em Medicina, para provar a eficácia de sua medicação, que poderíamos chamar *espírita*. A princípio pensei que as ameaças que lhe eram feitas e os obstáculos interpostos à sua prática médica, sem diploma, fossem a única causa de sua determinação; mas ela me disse que o Espírito que a dirige há seis anos havia aconselhado a medida como necessária, do ponto de vista da Doutrina Espírita. Seja como for, julguei ser de meu dever e do interesse da Humanidade aceitar sua generosa proposta, mas duvidava que ela a realizasse. Sem a conhecer, nem jamais tê-la visto, tinha sabido que essa piedosa jovem não havia querido separar-se de sua família senão numa circunstância excepcional, para cumprir uma missão não menos importante, na idade de dezessete anos. Fiquei, pois, agradavelmente surpreendido ao vê-la chegar em minha casa, conduzida por sua mãe, que deixou no dia seguinte com profunda mágoa; mas essa mágoa era temperada pela coragem da resignação. Há dez dias a Srta. Godu está no seio de minha família, da qual constitui a alegria, malgrado sua enervante ocupação.

“Desde sua chegada, já constatei setenta e cinco casos de observações de doenças diversas, para a maioria das quais os recursos da Medicina haviam falhado. Temos amauroses, oftalmias graves, paralisias antigas e rebeldes a todo tratamento, escrofulosos, herpéticos, cataratas e cânceres avançados. Todos os casos são

numerados, a natureza da moléstia por mim constatada, os curativos mencionados, e tudo é ordenado como numa sala clínica destinada a observações.

“Ainda não há tempo suficiente para que eu me possa pronunciar de maneira peremptória sobre as curas operadas pela medicação da Srta. Godu. Mas, desde hoje, posso manifestar minha surpresa pelos resultados revulsivos que ela obtém pela aplicação de seus unguentos, cujos efeitos variam ao infinito, por uma causa que eu não poderia explicar dentro das regras ordinárias da Ciência. Também vi com prazer que ela cortava as febres sem nenhuma preparação de quinina ou de seus extratos, por meio de simples infusões de flores ou de folhas de diversas plantas.

“Acompanho com vivo interesse o tratamento de um câncer bastante avançado. Esse câncer, diagnosticado e tratado sem sucesso, como sempre, por vários colegas, é objeto da maior preocupação da Srta. Godu. Não são uma nem duas vezes que ela o pensa, mas a todas as horas. Desejo sinceramente que seus esforços sejam coroados de sucesso e que cure este indigente, que trata com zelo acima de qualquer elogio. Se o conseguir, pode-se naturalmente esperar que logrará outros e, neste caso, prestará um imenso serviço à Humanidade, curando essa terrível e atroz moléstia.

“Sei que alguns confrades censurarão e sorrirão da esperança em que me embalo. Mas que me importa, desde que essa esperança se realize! Já me fazem reprimendas por prestar concurso a uma pessoa cuja intenção ninguém contesta, mas cuja aptidão para curar é negada pela maioria, considerando-se que tal aptidão não lhe foi dada pela Faculdade.

“A isto responderei: não foi a Faculdade que descobriu a vacina, mas simples pastores; não foi a Faculdade que descobriu a cortiça do Peru, mas os indígenas daquele país. A Faculdade constata os fatos; agrupa-os e classifica-os para formar a preciosa base do ensino, mas não os produz exclusivamente. Alguns tolos –

infelizmente há muitos por aqui, como em toda parte – se julgam espirituosos por qualificarem a Srta. Godu de feiticeira. Certamente é uma feiticeira amável e bastante útil, pois não inspira nenhum temor de feitiçaria nem o desejo de sacrificá-la na fogueira.

“A outros, que pretendem seja ela instrumento do demônio, responderei sem rodeios: se o demônio vem à Terra curar os incuráveis, abandonados e indigentes, forçoso é concluirmos que finalmente ele se converteu, merecendo, por isso, os nossos agradecimentos. Ora, duvido muito que entre os que assim falam não haja muitos que prefiram ser curados por suas mãos, a morrerem nas mãos de médico. Recebamos, pois, o bem de onde vier e, a não ser com provas autênticas, não atribuamos o seu mérito ao diabo. É mais moral e mais racional atribuir o bem a Deus e lho agradecer; a respeito, penso que minha opinião será partilhada por vós e por todos os meus colegas.

“Aliás, que isso se torne ou não uma realidade, sempre resultará algo para a Ciência. Não sou homem de olvidar certos meios empregados, que hoje muito negligenciamos. Diz-se que a Medicina fez imensos progressos. Sim, sem dúvida, para a Ciência, mas não tanto na arte de curar. Apreendemos muito e muito esquecemos. O Espírito humano é como o oceano: não pode abarcar tudo; quando invade uma praia, deixa outra. Voltarei ao assunto e vos porei ao corrente dessa curiosa experiência. Ligo a ela a maior importância; se triunfar, será uma brilhante manifestação contra a qual será impossível lutar, porque nada detém os que sofrem e querem curar-se. Estou decidido a tudo afrontar com esse objetivo, mesmo o ridículo que tanto se teme na França.

“Aproveito a oportunidade para vos enviar minha tese inaugural. Se vos derdes ao trabalho de lê-la, compreenderéis facilmente quanto eu estava disposto em admitir o Espiritismo. Esta tese foi defendida quando a Medicina havia caído no mais profundo materialismo. Era um protesto contra essa corrente que nos arrastou para a Medicina orgânica e a farmacologia mineral, de

que tanto se abusou. Quanta saúde arruinada pelo uso de substâncias minerais que, em caso de insucesso, aumentam o mal e, no de melhora, muitas vezes deixam traços em nosso organismo!

“Aceitai, etc.

Morhéry”

“20 de março de 1860.

“Senhor,

“Em minha última carta anunciei-vos que a Srta. Désirée Godu tinha vindo exercer sua faculdade curadora sob minhas vistas. Hoje venho vos trazer algumas novidades.

“Desde 25 de fevereiro, comecei minhas observações sobre um grande número de doentes, quase todos indigentes e impossibilitados de tratamento adequado. Alguns têm doenças pouco importantes. A maioria, porém, é acometida por afecções que resistiram aos meios curativos ordinários. Cataloguei, desde 25 de fevereiro, 152 casos de moléstias muito variadas. Infelizmente, em nossa região, sobretudo os doentes indigentes seguem seus caprichos e não têm paciência para se resignarem a um tratamento contínuo e metódico. Desde que experimentam melhora, julgam-se curados e nada mais fazem. É um fato muitas vezes constatado em minha clientela e que, necessariamente, deveria ocorrer com a Srta. Godu.

“Como já vos disse, nada quero prejudicar, nada afirmar, exceto os resultados constatados pela experiência. Mais tarde farei o inventário de minhas observações e constatarei as mais notáveis. Mas, desde já, posso exprimir a minha admiração por certas curas obtidas fora dos meios ordinários.

“Vi curar sem quinino três episódios de febres intermitentes, rebeldes, dos quais um havia resistido a todos os meios por mim empregados.

“A Srta. Godu curou igualmente três panarícios e duas inflamações subaponevróticas da mão, em poucos dias. Fiquei deveras surpreendido.

“Posso também constatar a cura, ainda não radical, mas muito avançada, de um de nossos mais inteligentes trabalhadores, Pierre Le Boudec, de Saint-Hervé, surdo há 18 anos; ele ficou tão maravilhado quanto eu, quando, após três dias de tratamento, pôde ouvir o canto dos pássaros e a voz de seus filhos. Vi-o esta manhã; tudo leva a crer numa cura radical dentro em pouco.

“Entre nossos doentes, o que mais atrai minha atenção neste momento é um tal Bigot, operário em Saint-Caradec, acometido há dois anos e meio por um câncer do lábio inferior. O câncer chegou ao último grau; o lábio inferior está parcialmente destruído; as gengivas, as glândulas sublinguais e submaxilares estão canceromatosas; o próprio osso maxilar inferior está afetado pela moléstia. Quando se apresentou em minha casa seu estado era desesperador; suas dores eram atrozes; não dormia há seis meses; qualquer operação era impraticável, pois o mal estava muito avançado; a cura me parecia impossível e o declarei com toda franqueza à Srta. Godu, a fim de premuni-la contra uma derrota inevitável. Minha opinião não variou quanto ao prognóstico; não posso acreditar na cura de um câncer tão avançado. Entretanto, devo declarar que, desde o primeiro curativo, o doente experimenta alívio e, a partir de 25 de fevereiro, dorme bem e se alimenta; voltou-lhe a confiança; a ferida mudou de aspecto de modo visível e, se isso continuar, a despeito de minha opinião tão formal, serei obrigado a esperar uma cura. Se realizar-se será o maior fenômeno de cura que se possa constatar. É preciso esperar e ter paciência com o doente. A Srta. Godu tem com ele um cuidado todo especial; por vezes tem feito curativos de meia em meia hora. Esse indigente é o seu favorito.

“Quanto a outras coisas, nada tenho a dizer. Poderia edificar-vos sobre os boatos, mexericos e alusões à feitiçaria; mas

como a tolice é inerente à Humanidade, não me dou ao trabalho de tentar erradicá-la.

“Aceitai, etc.

Morhéry”

Observação – Como se pode ficar convencido pelas duas cartas acima, o Dr. Morhéry não se deixa fascinar pelo entusiasmo; observa as coisas friamente, como homem esclarecido que não se permite ilusões; demonstra inteira boa-fé e, pondo de lado o amor-próprio do médico, não teme confessar que a Natureza pode prescindir dele, inspirando a uma jovem sem instrução os meios de curar que ele não encontrou sequer em sua Faculdade, nem em seu próprio cérebro, não se julgando humilhado por isso. Seus conhecimentos de Espiritismo mostram-lhe que a coisa é possível, sem que, por isso, haja derrogação das leis da Natureza; ele a compreende, desde que essa notável faculdade é para ele um simples fenômeno, mais desenvolvido na Srta. Godu que em outros. Pode-se dizer que essa jovem representa, para a arte de curar, o que Joana d’Arc representava para a arte militar. O Dr. Morhéry, esclarecido sobre os dois pontos essenciais – o Espiritismo como fonte e a Medicina ordinária como controle – pondo de lado o amor-próprio e qualquer sentimento pessoal, encontra-se na melhor posição para julgar imparcialmente, e nós cumprimentamos a Srta. Godu pela resolução tomada, de colocar-se sob seu patrocínio. Sem dúvida os leitores nos serão gratos por mantê-los ao corrente das observações que serão feitas ulteriormente.

Variedades

O FABRICANTE DE SÃO PETERSBURGO

O seguinte fato de manifestação espontânea foi transmitido ao nosso colega, Sr. Kratzoff, de São Petersburgo, por

seu compatriota, o barão Gabriel Tscherkassoff, que reside em Cannes (Var) e garante a sua autenticidade. Aliás, parece que o fato é muito conhecido e fez sensação na época em que ocorreu.

“No começo do século havia em São Petersburgo um rico artesão, que empregava grande número de operários em suas oficinas. Seu nome me escapa, mas creio que era inglês. Homem probo, humano e comportado, não só desfrutava a boa renda de seus produtos, mas, muito mais ainda, do bem-estar físico e moral de seus operários que, conseqüentemente, ofereciam o exemplo de boa conduta e de uma concórdia quase fraternal. Conforme um costume observado na Rússia até hoje, o patrão custeava o alojamento e a alimentação, ocupando os operários os andares superiores e as águas-furtadas da mesma casa que ele. Certa manhã, ao despertar, vários operários não encontraram suas roupas, que haviam posto de lado ao se deitarem. Não se podia pensar em roubo. Conjeturaram inutilmente e suspeitaram que os mais maliciosos tinham querido pregar uma peça em seus camaradas. Enfim, graças às buscas realizadas, encontraram todos os objetos desaparecidos, no celeiro, nas chaminés e até nos telhados. O patrão fez advertências gerais, já que ninguém se confessava culpado; ao contrário, todos protestavam inocência.

“Passado algum tempo, o mesmo fato se repetiu; novas advertências, novos protestos. Pouco a pouco o fenômeno começou a se repetir todas as noites e o patrão inquietou-se bastante, porque além de seu trabalho ser muito prejudicado, via-se ameaçado pela debandada de todos os operários, que temiam permanecer numa casa onde se passavam, segundo eles, coisas sobrenaturais. Seguindo o conselho do patrão, foi organizado um serviço noturno, escolhido pelos próprios operários, para surpreender o culpado. Mas nada conseguiram: ao contrário, as coisas pioravam cada vez mais. Para alcançar seus quartos, os operários deviam subir escadas que não estavam iluminadas. Ora, aconteceu a vários deles receber pancadas e bofetões e, quando procuravam defender-se, não batiam senão no vazio, enquanto a

violência dos golpes os fazia supor que tratavam com um ser sólido. Desta vez o patrão os aconselhou a se dividirem em dois grupos: um deveria ficar na parte superior da escada, e o outro embaixo. Desta maneira o brincalhão de mau gosto não poderia escapar e receber o corretivo que merecia. Mas a providência do patrão falhou novamente; os dois grupos apanharam bastante e cada um acusava o outro. As recriminações tornaram-se atrozes e a desinteligência entre os operários chegou ao cúmulo, de modo que o pobre patrão já pensava em fechar as oficinas ou mudar-se.

“Uma noite estava sentado, triste e pensativo, cercado pela família. Todos estavam abatidos quando, de repente, ouviu-se um grande ruído no aposento ao lado, que lhe servia de gabinete de trabalho. Levantou-se precipitadamente e foi procurar a causa do barulho. Ao abrir a porta, a primeira coisa que viu foi sua escrivaninha aberta e um castiçal aceso. Ora, há poucos instantes ele havia fechado a escrivaninha e apagado a luz. Ao aproximar-se, distinguiu sobre a mesa um tinteiro de vidro e uma pena que não lhe pertenciam, além de uma folha de papel sobre a qual estavam escritas estas palavras, que não tinham tido tempo de secar: “Manda demolir a parede em tal lugar (era acima da escada); aí encontrarás ossadas humanas, que mandarás sepultar em terra santa”. O patrão tomou o papel e correu a informar a polícia.

“No dia seguinte começaram a procurar de onde provinham o tinteiro e a pena. Mostrando-os aos moradores da mesma casa, chegaram até um negociante de gêneros alimentícios que tinha a sua quitanda no rés-do-chão e que reconheceu um e outra como seus. Interrogado sobre a pessoa a quem os havia dado, respondeu: Ontem à noite, já tendo fechado a porta da loja, ouvi uma leve batida no postigo da janela; abri e um homem, cujos traços não me foi possível distinguir, disse-me: Peço-te que me dês um tinteiro e uma pena; eu tos pagarei. Tendo-lhe passado os dois objetos, ele me atirou uma grande moeda de cobre, que ouvi cair no assoalho, mas não pude encontrar.

“Demoliram a parede no lugar indicado e aí encontraram ossadas humanas, que foram enterradas, voltando tudo ao normal. Jamais se soube a quem pertenciam aqueles ossos.”

Fatos desta natureza devem ter ocorrido em todas as épocas e vê-se que não são provocados absolutamente pelos conhecimentos espíritas. Compreende-se que, em séculos recuados, ou entre povos ignorantes, tenham dado lugar a todo tipo de conjecturas supersticiosas.

APARIÇÃO TANGÍVEL

No dia 14 de janeiro último, o Senhor Lecomte, cultivador na comuna de Brix, distrito de Valognes, foi visitado por um indivíduo que se dizia um de seus antigos camaradas, com o qual havia trabalhado no porto de Cherbourg, e cuja morte remonta a dois anos e meio. A aparição tinha por fim pedir a Lecomte que mandasse rezar uma missa. No dia 15 houve recorrência da aparição. Menos espantado, Lecomte efetivamente reconheceu o antigo camarada, mas, ainda perturbado, não soube o que responder. O mesmo aconteceu em 17 e 18 de janeiro. Somente no dia 19 Lecomte disse-lhe: Já que desejas uma missa, onde queres que seja rezada? Assistirás a ela? – Desejo – respondeu o Espírito – que a missa seja realizada na capela de São Salvador, dentro de oito dias; lá estarei. E acrescentou: Há muito tempo que eu não te via e a distância era longa para vir te procurar. Dito isto, retirou-se, *apertando-lhe a mão*.

O Senhor Lecomte cumpriu sua promessa: em 27 de janeiro a missa foi rezada em São Salvador, e ele viu seu antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar, perto do sacerdote oficiante. Além dele, ninguém percebeu a aparição, embora tivesse perguntado ao padre e aos assistentes se não o teriam visto.

Desde aquele dia o Senhor Lecomte não foi mais visitado e retomou sua habitual tranqüilidade.

Observação – Conforme esse relato, cuja autenticidade é garantida por uma pessoa digna de fé, não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, pois o defunto, amigo do Senhor Lecomte, lhe havia apertado a mão. Os incrédulos dirão que foi uma alucinação, mas, até o momento, ainda esperamos de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que designam por esse nome, porquanto, simplesmente negá-los não nos parece a melhor solução.

Ditados Espontâneos

O ANJO DAS CRIANÇAS

(Sociedade – Médium: Sra. de Boyer)

Meu nome é Micaël. Sou um dos Espíritos prepostos à guarda das crianças. Que doce missão! E que felicidade proporciona à alma! Perguntais se me refiro à guarda das crianças? Mas não têm suas mães, anjos bons prepostos a essa guarda? E por que ainda é necessário um Espírito para delas se ocupar? Então não pensais nas que não têm mais essa boa mãe? Infelizmente não as há, e muitas? E não terá a própria mãe necessidade de ajuda algumas vezes? Quem a desperta em meio ao seu primeiro sono? Quem a faz pressentir o perigo? Quem cogita em aliviá-la, quando o mal é grave? Nós, sempre nós; que desviamos a criança travessa do precipício para onde corre; que dela desviamos os animais nocivos e afastamos o fogo que poderia misturar-se aos seus cabelos louros. Nossa missão é suave! Somos ainda nós que lhes inspiramos a compaixão pelo pobre, a doçura, a bondade; nenhuma criança, mesmo das piores, poderia nos irritar. Há sempre um instante em que seu coraçãozinho nos fica aberto. Alguns de vós se espantarão desta missão. Mas não dizeis freqüentemente: há um Deus para as crianças? sobretudo para as crianças pobres? Não, não há um Deus, mas anjos, amigos. E como poderíeis explicar de outro modo essas salvações miraculosas? Existem ainda muitos outros poderes, cuja existência nem mesmo suspeitais. Há o

Espírito das flores, dos perfumes; há milhares, cujas missões, mais ou menos elevadas, vos pareceriam deliciosas e invejáveis, após vossa dura vida de provas. Eu os exortarei a virem ao vosso meio. Neste momento sou recompensada por uma vida inteiramente devotada às crianças. Casada jovem, com um homem que possuía vários filhos, não tive a felicidade de os ter de mim mesma. Completamente devotada a elas, Deus, o bom e soberano Senhor, concedeu-me ser ainda guarda das crianças. Doce e santa missão! eu o repito, cuja influência as mães aqui presentes não poderiam negar. Adeus, vou à cabeceira dos meus pequenos protegidos. A hora do sono é a minha hora, e é preciso que visite todos esses olhinhos fechados. Ficai sabendo que o bom anjo que vela por elas não é uma alegoria, mas uma verdade.

CONSELHOS

(Sociedade, 25 de novembro de 1859 – Médium: Sr. Roze)

Outrora vos teriam crucificado, queimado, torturado. A forca foi derrubada; a fogueira, extinta; os instrumentos de tortura, destruídos, a arma terrível do ridículo, tão poderosa contra a mentira, atenuar-se-á ante a verdade; seus inimigos mais temíveis foram encerrados num círculo intransponível. Com efeito, negar a realidade de nossas manifestações seria negar a revelação, que é a base de todas as religiões; atribuí-las ao demônio, pretender que o Espírito do mal venha confirmar e desenvolver o Evangelho, exortar-vos ao bem e à prática de todas as virtudes, é simplesmente e felizmente provar que ele não existe. Todo reino dividido contra si mesmo perecerá. Restam os Espíritos maus. Jamais uma árvore boa produzirá maus frutos; jamais uma árvore má produzirá bons frutos. Nada de melhor tendes a fazer senão responder-lhes o que respondia o Cristo aos seus perseguidores, quando formularam contra ele as mesmas acusações; e, como ele, rogar a Deus que os perdoe, pois não sabem o que fazem.

O Espírito de Verdade

(Outra, ditada ao Sr. Roze e lida na Sociedade)

A França conduz o estandarte do progresso e deve guiar as outras nações: assim o provam os acontecimentos passados e contemporâneos. Fostes escolhidos para serdes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve iluminar a Terra, até então mergulhada nas trevas da ignorância e da mentira. Mas se não estiverdes animados pelo amor do próximo e por um desinteresse sem limites; se o desejo de conhecer e propagar a verdade, cujas vias deveis abrir à posteridade, não for o único móvel a guiar os vossos trabalhos; se o mais leve pensamento íntimo de orgulho, egoísmo e interesse material achar lugar em vossos corações, não nos serviremos de vós senão como o artífice, que provisoriamente emprega uma ferramenta defeituosa; viremos a vós até que tenhamos encontrado ou provocado um centro mais rico do que vós em virtudes, mais simpático à falange de Espíritos que Deus enviou para revelar a verdade aos homens de *boa vontade*. Pensai nisto seriamente; descei aos vossos corações, sondai-lhes os mais íntimos refulgos e expulsai com energia as más paixões que nos afastam. A não ser assim retirai-vos, antes de comprometerdes os trabalhos de vossos irmãos pela vossa presença, ou a dos Espíritos que traríeis convosco.

O Espírito de Verdade

A OSTENTAÇÃO

(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 – Médiun: Srta. Huet)

Numa bela tarde de primavera, um homem rico e generoso estava sentado em seu salão; sorvia, feliz, o perfume das flores de seu jardim. Enumerava, complacente, todas as boas obras que tinha praticado durante o ano. A essa lembrança não pôde deixar de lançar um olhar quase desprezível sobre a casa de um de seus vizinhos, que não pudera dar senão módica moeda para a construção da igreja paroquial. De minha parte, disse ele, dei mais de mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma

cédula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem duquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de beneficência, para toda sorte de loterias e creio que Deus me será grato por tanto bem que fiz. Ah! ia esquecendo uma pequena esmola, que dei há pouco tempo a uma infeliz viúva, responsável por numerosa família e que ainda cria um órfão. Mas o que lhe dei é tão pouco que, por certo, não será por isso que o céu se me abrirá.

Tu te enganas, respondeu de repente uma voz que lhe fez voltar a cabeça: é a única que Deus aceita, e eis a prova. No mesmo instante uma mão apagou o papel em que ele havia escrito todas as suas boas obras, deixando apenas a última; ela o levou ao céu.

Não é, pois, a esmola dada com ostentação que é a melhor, mas a que é dada com toda a humildade do coração.

Joinville, Amy de Loys

AMOR E LIBERDADE

(Sociedade, 27 de janeiro de 1860 – Médium: Sr. Roze)

Deus é amor e liberdade. É pelo amor e pela liberdade que o Espírito se aproxima dEle. Pelo amor desenvolve, em cada existência, novas relações que o aproximam da unidade; pela liberdade escolhe o bem que o aproxima de Deus. Sede ardorosos na propagação da nova fé; que o santo ardor que vos anima jamais vos leve a atentar contra a liberdade alheia. Evitai, por meio de uma insistência muita grande junto à incredulidade orgulhosa e temível, de exasperar uma existência meio vencida e prestes a render-se. O reino da violência e da opressão acabou; o da razão, da liberdade e do amor fraterno está começando. Não é mais pelo medo e pela força que os poderosos da Terra adquirirão, doravante, o direito de dirigir os interesses morais, espirituais e físicos dos povos, mas pelo amor e pela liberdade.

Abelardo

A IMORTALIDADE

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Srta. Huet)

Como pode um homem, e um homem inteligente, não crer na imortalidade da alma e, conseqüentemente, numa vida futura, que não é outra senão a do Espiritismo? Em que se tornariam esse amor imenso que a mãe devota ao filho, esses cuidados com que o cerca na infância, essa atitude esclarecida que o pai dedica à educação desse ser bem-amado? Tudo isso seria, então, aniquilado no momento da morte ou da separação? Seríamos, assim, semelhantes aos animais, cujo instinto é admirável, sem dúvida, mas que não cuidam de sua progênie com ternura senão até o momento em que ela cessa de ter necessidade dos cuidados maternos? Chegando esse momento, os pais abandonam os filhos e tudo está acabado: o corpo está criado, a alma não existe. Mas o homem não teria uma alma, e uma alma imortal! E o gênio sublime, que só se pode comparar a Deus, tanto d'Ele emana, esse gênio que gera prodígios, que cria obras primas, seria aniquilado pela morte do homem! Profanação! Não se pode aniquilar assim as coisas que vêm de Deus. Um Rafael, um Newton, um Miguel Ângelo e tantos outros gênios sublimes abarcam ainda o Universo em seu Espírito, embora seus corpos não mais existam. Não vos enganéis; eles vivem e viverão eternamente. Quanto a se comunicarem convosco, é menos fácil de admitir pela generalidade dos homens. Somente pelo estudo e pela observação eles podem adquirir a certeza de que isso é possível.

Fénelon

PARÁBOLA

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 – Médiun: Sr. Roze)

Em sua última travessia um velho navio foi assaltado por terrível tempestade. Além de grande número de passageiros, transportava uma porção de mercadorias estrangeiras ao seu destino, acumuladas pela avareza e cupidez de seus donos. – O

perigo era iminente; reinava a maior desordem a bordo; os chefes se recusavam a lançar a carga no mar; suas ordens eram ignoradas; tinham perdido a confiança da tripulação e dos passageiros. Era preciso pensar em abandonar o navio. Puseram três embarcações no mar: na primeira, a maior, precipitaram-se, aturdidos, os mais impacientes e os mais inexperientes, que se apressaram a remar na direção da luz que avistaram ao longe, na costa. Caíram nas mãos de um bando de corsários, que os despojaram dos objetos preciosos que haviam recolhido às pressas, maltratando-os sem piedade.

Os segundos, mais espertos, souberam distinguir um farol libertador em meio às luzes enganadoras que alumiam o horizonte e, confiantes, abandonaram o barco ao capricho das ondas; foram arrebentar nos arrecifes, ao pé do próprio farol, do qual não haviam tirado os olhos. Foram tanto mais sensíveis à sua ruína e à perda de seus bens quanto haviam entrevisto a salvação.

Os terceiros, pouco numerosos, mas sábios e prudentes, guiavam com cuidado o frágil barco em meio aos obstáculos; salvaram corpos e bens, sem outro mal além da fadiga da viagem.

Não vos contenteis, portanto, em vos guardardes contra a pirataria e contra os Espíritos maus, mas sabeí, também, evitar o erro dos viajantes negligentes, que perderam os bens e naufragaram no porto. Sabeí guiar vosso barco em meio aos escolhos das paixões e atracareis com felicidade no porto da vida eterna, ricos das virtudes que tiverdes adquirido em vossas viagens.

São Vicente de Paulo

O ESPIRITISMO

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sra. M.)

O Espiritismo é chamado a esclarecer o mundo, mas necessita de um certo tempo para progredir. Existiu desde a

Criação, mas só era conhecido por algumas pessoas, porque, em geral, a massa pouco se ocupa em meditar sobre questões espíritas. Hoje, com o auxílio desta pura doutrina, haverá uma luz nova. Deus, que não quer deixar a criatura na ignorância, permite que os Espíritos mais elevados venham em nosso auxílio, para contrabalançar a ação do Espírito das trevas, que tende a envolver o mundo. O orgulho humano obscurece a razão e a faz cometer muitas faltas na Terra. São necessários Espíritos simples e dóceis, para comunicarem a luz e atenuarem todos os nossos males. Coragem! Persisti nesta obra, que é agradável a Deus, porque ela é útil para a sua maior glória, e dela resultarão grandes bens para salvação das almas.

Francisco de Sales

FILOSOFIA

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sr. Colin)

Escrevei isto: O homem! Que é ele? De onde veio? Para onde vai? – Deus? A Natureza? A Criação? O mundo? Sua eternidade no passado, no futuro! Limite da Natureza, relações do ser infinito com o ser particular? Passagem do infinito ao finito? – Perguntas que devia fazer o homem, criança ainda, quando viu pela primeira vez, com sua razão, acima da cabeça, a marcha misteriosa dos astros; sob seus pés a terra, alternativamente revestida com roupas de festa, sob o hálito tépido da primavera, ou coberta de um manto de luto, debaixo do sopro gelado do inverno; quando ele próprio se viu, pensando e sentindo, ser lançado por um instante nesse imenso turbilhão vital entre o ontem, dia de seu nascimento, e o amanhã, dia de sua morte. Perguntas que foram propostas a todos os povos, em todas as idades e em todas as suas escolas e que, no entanto, não permaneceram menos enigmáticas para as gerações seguintes. Contudo, questões dignas de cativar o espírito investigador do vosso século e o gênio do vosso país. – Se, pois, houvesse entre vós um homem, dez homens, tendo consciência da

alta gravidade de uma missão apostólica e vontade de deixar um traço de sua passagem aqui, para servir de ponto de referência à posteridade, eu lhe diria: Durante muito tempo transigistes com os erros e preconceitos de vossa época; para vós, o período das manifestações materiais e físicas passou; aquilo a que chamais de *evocações experimentais* já não vos pode ensinar grandes coisas, porque, no mais das vezes, apenas a curiosidade está em jogo. Mas a era filosófica da doutrina se aproxima. Não permaneçais por muito tempo fixados nas fasquias do pórtico, em breve carcomidas, e penetrai sem hesitação no santuário celeste, conduzindo altivamente a bandeira da filosofia moderna, na qual escrevi sem medo: *misticismo*, *racionalismo*. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os Antigos, apoiando-vos na tradição histórica, mística e legendária, mas sempre cuidando de não sair da *revelação*, facho que a todos nos faltou, recorrendo às luzes dos Espíritos superiores, votados missionariamente à marcha do espírito humano. Por mais elevados que sejam, esses Espíritos não sabem tudo; só Deus o sabe. Além disso, de tudo quanto sabem, nem tudo podem revelar. Com efeito, em que se tornaria o livre-arbítrio do homem, sua responsabilidade, o mérito e o demérito? E, como sanção, o castigo e a recompensa?

Entretanto, posso balizar o caminho que vos mostramos, com alguns princípios fundamentais. Escutai, pois, isto:

1º A alma tem o poder de subtrair-se à matéria;

2º De elevar-se muito acima da inteligência;

3º Esse estado é superior à razão;

4º Ele pode colocar o homem em relação com aquilo que escapa às suas faculdades;

5º O homem pode provocá-lo pela prece a Deus, por um esforço constante da vontade, reduzindo a alma, por assim

dizer, ao estado de pura essência, privada da atividade sensível e exterior; numa palavra, pela abstração de tudo que há de diverso, de múltiplo, de indeciso, de turbilhonamento, de exterioridade na alma;

6º Existe no *eu* concreto e complexo do homem uma força completamente ignorada até hoje. Procurai-a, portanto.

Moisés, Platão, depois Juliano

COMUNICAÇÕES LIDAS NA SOCIEDADE

(Pelo Sr. Pêcheur)

Meu amigo, não sabeis que todo homem que marcha na senda do progresso tem sempre contra si a ignorância e a inveja? *A inveja é a poeira levantada por vossos passos.* Vossas idéias revoltam certos homens, pois não compreendem ou abafam no orgulho o clamor da consciência, que lhes grita: Aquilo que repeles, teu juiz te lembrará um dia; é uma mão que Deus estende para te retirar do lamaçal onde te lançaram as paixões. Escuta por um instante a voz da razão; pensais que viveis no século do dinheiro, onde o eu domina; que o amor às riquezas vos desseca o coração, carrega vossa consciência de muitas faltas e até de crimes que deveis confessar. Homens sem fé, que vos dizeis hábeis, vossa habilidade vos levará ao naufrágio; nenhuma mão vos será estendida; fostes surdos às misérias alheias e sereis tragados sem que caia uma lágrima sobre vós. Parai! ainda há tempo; que o arrependimento penetre vossos corações; que ele seja sincero, e Deus vos perdoará. Procurai o infeliz que não ousa lastimar-se e que a miséria mata lentamente. O pobre que tiverdes aliviado incluirá vosso nome em suas preces; abençoará a mão que talvez lhe tenha salvado a filha da fome que mata e da vergonha que desonra. Infelizes de vós, se fordes surdos à sua voz. Deus vos disse, pela boca sagrada do Cristo: Ama a teu irmão como a ti mesmo. Não vos deu a razão para julgardes o bem e o mal? Não vos deu um coração para vos compadecerdes dos sofrimentos dos vossos semelhantes? Não

sentis que, abafando a consciência, abafais a voz do progresso e da caridade? Não sentis que apenas arrastais um corpo vazio? Que nada mais bate em vosso peito, o que torna incerta a vossa marcha? Porque fugistes da luz e os vossos olhos se tornaram de carne, as trevas que vos cercam vos agitam e causam medo. Procurais, mas tarde demais, sair dessa vida que desmorona aos vossos pés; o medo, que não podeis definir, vos torna supersticiosos. Fingis que sois um homem caridoso; no entanto, esperando resgatar a vida de egoísta, dais o ceitil que o temor vos arranca, mas Deus sabe o que vos leva a agir: não podeis enganá-lo; vossa vida se extinguirá sem esperança, e não podeis prolongá-la por um só dia. Extinguir-se-á, malgrado vossas riquezas, que vossos filhos ambicionam por antecipação, pois lhes destes o exemplo. Como vós, eles não têm senão um amor: o do ouro, único sonho de felicidade para eles. Quando esta hora de justiça soar, tereis de comparecer perante o Supremo Juiz que tendes desprezado.

Tua filha

A CONSCIÊNCIA

Cada homem tem em si o que chamais uma voz interior; é o que o Espírito chama de consciência, juiz severo que preside a todas as ações de vossa vida. Quando o homem está só, escuta essa consciência e se pesa no seu justo valor; muitas vezes tem vergonha de si mesmo. Nesse momento reconhece a Deus, mas a ignorância, conselheira fatal, o impele e lhe põe a máscara do orgulho. Ele se vos apresenta repleto do seu vazio; procura enganar-vos pela firmeza que apresenta. Mas o homem de coração reto não tem a cabeça altaneira: escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada, e que Deus é tudo. Procura instruir-se no livro da Natureza, escrito pela mão do Criador. Seu Espírito se eleva, expulsando as paixões materiais que muitas vezes vos desviam. Essa paixão que vos conduz é um guia perigoso. Guardai isto, amigo: deixai rir o céptico; seu sorriso se extinguirá. À sua hora derradeira, o homem torna-se crente. Amigo, pensai sempre

em Deus; somente Ele não se engana. Lembrai-vos de que há apenas um caminho que conduz a Ele: a fé e o amor aos semelhantes.

Tua filha

A MORADA DOS ELEITOS

(Pela Sra. Desl...)

Teu pensamento ainda está absorvido pelas coisas da Terra. Se queres nos escutar, é preciso esquecê-las. Tentemos conversar do alto; que teu Espírito se eleve para essas regiões, morada dos Eleitos do Senhor. Vê esses mundos que esperam todos os mortais, cujos lugares estão marcados conforme o mérito que tiverem. Quanta felicidade para aquele que se compraz nas coisas santas, nos grandes ensinamentos dados em nome de Deus! Ó homens! Como sois pequenos, comparados aos Espíritos desprendidos da matéria, que planam nos espaços ocupados pela glória do Senhor! Felizes os que forem chamados a habitar os mundos onde a matéria não é mais que um nome; onde tudo é etéreo e translúcido; *onde os passos não mais se escutam*. A música celeste é o único brilho que chega aos sentidos, tão perfeitos que captam os menores sons, desde que estes se chamem harmonia! Que leveza, a de todos os seres amados por Deus! Como percorrem, deliciados, esses sítios encantados, transformados em asilos! Ali não há mais discórdias, nem ciúme, nem ódio. O amor tornou-se o laço destinado a unir entre si todos os seres criados; e esse amor, que enche seus corações, só tem por limite o próprio Deus, que é o fim, e no qual se resumem a fé, o amor e a caridade.

Um amigo

(OUTRA, PELO MESMO)

Teu esquecimento me afligia. Não me deixes mais por tanto tempo sem me chamares. Sinto-me disposto a conversar

contigo e a te dar conselhos. Guarda-te de acreditar em tudo quanto outros Espíritos poderiam dizer-te; talvez eles te arrastem por um mau caminho. Antes de tudo, sede prudente, a fim de que Deus não tire a missão que te encarregou de realizar, a saber: ajudar a levar ao conhecimento dos homens a revelação da existência dos Espíritos ao redor deles. Nem todos se acham em condições de apreciar e compreender o elevado alcance das coisas, cujo conhecimento Deus ainda não permite senão aos eleitos. Dia virá em que esta ciência, cheia de consolação e de grandeza, será compartilhada pela Humanidade inteira, onde não mais se encontrará um incrédulo. Os homens, então, só poderão compreender uma verdade, tão palpável que não será posta em dúvida por um só instante pelo mais simples dos mortais. Digo-te, em verdade, que não passará meio século antes que os olhos e ouvidos de todos sejam abertos a essa grande verdade: os Espíritos circulam no espaço e ocupam diferentes mundos, conforme seu mérito aos olhos de Deus; a verdadeira vida está na morte, sendo necessário que o homem seja resgatado várias vezes antes de obter a vida eterna, a que todos deverão chegar, através de um número maior ou menor de séculos de sofrimentos, conforme tenham sido mais ou menos fiéis à voz do Senhor.

Um amigo

O ESPÍRITO E O JULGAMENTO

(Pela Sra. Netz)

A liberdade do homem é toda individual; nasceu livre, mas essa liberdade muitas vezes é a sua desgraça. Liberdade moral, liberdade física, tudo ele reuniu, mas com freqüência lhe falta o discernimento, aquilo a que chamais de bom-senso. Se um homem tiver muito espírito e lhe faltar esta última qualidade, é absolutamente como se nada tivesse; pois o que faria de seu espírito, se não pudesse governá-lo, se não tivesse a inteligência necessária para saber se conduzir, se acreditasse marchar no bom caminho, quando está no lodaçal, se pensasse ter sempre razão,

quando muitas vezes está errado? O discernimento pode tomar o lugar do espírito, mas este jamais substituirá aquele. É uma qualidade necessária e, quando não a temos, precisamos envidar todos os esforços para adquiri-la.

Um Espírito familiar

O INCRÉDULO

(Pela Sra. L...)

Vossa doutrina é bela e santa; sua primeira baliza está plantada, e solidamente plantada. Agora não tendes senão que marchar. O caminho que vos é aberto é grande e majestoso. Bem-aventurado o que chegar ao porto. Quanto mais prosélitos houver feito, tanto mais lhe será contado. Mas para isto não deve abraçar a doutrina friamente; é necessário ter ardor, e este ardor será dobrado, porquanto Deus está sempre convosco quando fazeis o bem. Todos os que trouxerdes serão outras tantas ovelhas entradas no redil. Pobres ovelhas, meio tresmalhadas! Crede: o mais céptico, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um cantinho no coração que gostaria de ocultar a si mesmo. Pois bem! É esse cantinho que ele deve procurar e encontrar, é esse lado vulnerável que deve atacar. É uma pequena brecha, deixada aberta intencionalmente por Deus, para facilitar à criatura o meio de retornar ao seu seio.

São Bento

O SOBRENATURAL

(Pelo Sr. Rabache, de Bordeaux)

Meus filhos, vosso pai fez bem em vos chamar seriamente a atenção para os fenômenos produzidos nas sessões que vos ocupam há alguns dias. A julgá-los conforme instruções de certos Espíritos sectários, ignorantes ou dominadores, esses efeitos são sobrenaturais. Não creiais nisso, meus filhos; nada do

que acontece é *sobrenatural*; se assim fosse, diz o bom-senso que só aconteceria fora da Natureza e, então, não o veríeis. Para que vossos olhos ou vossos sentidos percebam uma coisa, é *de todo necessário que essa coisa seja natural*. Com um pouco de reflexão não há um Espírito sério que consinta em crer em coisas sobrenaturais. Com isso não quero dizer que não haja coisas que assim pareçam à vossa inteligência, mas a única razão para isso é que não as compreendeis. Quando algum fato vos parecer sair do que julgardes natural, guardai-vos contra essa preguiça de espírito que vos induziria a crer que seja sobrenatural; procurai compreendê-lo, pois, para isto vos foi dada a inteligência. Para que vos serviria ela, se tivésseis de vos contentar em aprender e crer no que ensinaram vossos predecessores? É preciso que cada um ponha a inteligência a serviço do progresso, que é obra coletiva de todos. Já que sois dotados de pensamento, pensai; já que tendes a razão, que não vos foi dada sem motivo, examinai e julgai. Não aceiteis julgamentos acabados senão depois de submetidos ao crivo da razão. Duvidai longamente se não tiverdes certeza, mas jamais negueis aquilo que não compreendeis. Examinai, examinai seriamente. Somente o preguiçoso, o não inteligente e o indiferente aceitam como verdadeiro ou falso tudo quanto ouvem afirmar ou negar. Enfim, meus filhos, envidai todos os esforços para vos tornardes sérios e úteis, de modo a bem cumprirdes a missão que vos está confiada. Nunca é demasiado cedo para vos ocupardes do bem e do que é bom. Começai, pois, cedo, a vos ocupardes das coisas sérias. O tempo das futilidades é sempre muito longo: é inútil para o vosso progresso, que não deveis perder de vista um só instante. As coisas da Terra nada são; servem apenas à vossa passagem para outro estado, que será tanto mais perfeito quanto melhor preparados estiverdes.

Vossa avó

Allan Kardec